



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO-UFOP
CENTRO DESPORTIVO DA UFOP- CEDUFOP
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARCUS PIRES SILVA

**CONCEPÇÃO DE INSTRUTORES DE ESPORTE DE AVENTURA
SOBRE O RISCO NA PRÁTICA DO RAPEL**

**OURO PRETO
JUNHO/2015**

MARCUS PIRES SILVA

**CONCEPÇÃO DE INSTRUTORES DE ESPORTE DE AVENTURA
SOBRE O RISCO NA PRÁTICA DO RAPEL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Educação Física Bacharelado da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Professor Dr. Jairo Antônio da Paixão.

* O presente trabalho de conclusão de curso encontra-se em formato de artigo formatado em conformidade com as normas da Revista Psicologia & Sociedade.

**OURO PRETO
JUNHO/2015**

S586c Silva, Marcus Pires.

Concepção de instrutores de esporte de aventura sobre o risco na prática do rapel. [manuscrito] / Marcus Pires Silva. – 2015.
34 f. il.; tabs.

Orientador: Prof. Jairo Antônio da Paixão.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Centro Desportivo da Universidade Federal de Ouro Preto. Curso de Educação Física.

Área de concentração: Psicologia da Educação Física.
Esporte de aventura.

1. Esportes radicais. 2. Rapel. 3. Esporte-Segurança. I. Universidade Federal de Ouro Preto. II. Título.



ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO INTITULADO:

CONCEPÇÃO DE INSTRUTORES DE ESPORTE DE AVENTURA SOBRE O RISCO NA PRÁTICA DO RAPEL

Aos 22 dias do mês de junho do ano de 2015, no pavilhão de aulas da Universidade Federal de Ouro Preto, reuniram-se os membros da Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso do (a) estudante Marcus Pires Silva orientado pelo (a) Prof. Jairo Antonio da Paixão. A defesa iniciou-se pela apresentação oral feita pelo (a) estudante, seguida da arguição pelos membros da banca. Ao final, os membros da banca examinadora reuniram-se e decidiram por aprovado o (a) estudante.

A média final foi de: 59 pontos.

Banca examinadora:

Membro 1 - Prof.(ª): Agnes Vasconcelos Arreguy

Membro 2 - Prof.(ª): Jamille Locatelli

Orientador (a) - Prof.(ª): Jairo Antonio da Paixão

Resumo

O presente estudo analisou a concepção de instrutores de esporte de aventura sobre o risco na prática do rapel vinculada a diferentes modalidades terrestres praticadas no estado de Minas Gerais. Por meio de uma investigação de campo, descritiva e de cunho qualitativo, foi possível afirmar que os instrutores reconhecem o risco como elemento inerente à prática do rapel. Esses sujeitos apontam o domínio da técnica, o bom estado dos equipamentos específicos, a adoção de tecnologias e a capacidade para decifrar informações referentes ao ambiente natural como forma de controlar e minimizar o risco. Chama atenção a postura dos instrutores participantes dessa investigação que, apesar de buscarem vivenciar as fortes emoções, a sensação de adrenalina e liberdade, colocam como princípio fundamental a manutenção da vida.

Palavras-chave: Risco; esporte de aventura; instrutor; rapel.

Abstract

This study analyzed the concept of adventure sports instructors about the risk in practicing rappelling linked to different land forms practiced in the state of Minas Gerais. Through a research field, descriptive and with a qualitative approach, it was possible to say that the instructors recognize the risk as inherent element in the rappel. In order to control and minimize the risk these guys point mastery of technique, good condition of the specific equipment, the use of technologies and capacity to read information relating to the natural environment. Draws attention the posture of the participants instructors of this investigation that, despite seeking to experience the strong emotions, the sense of adrenaline and freedom, the maintenance of life is placed as a fundamental principle.

Keywords: Risk; adventure sport; instructor; rappel

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 RAPEL	12
2 MATERIAL E MÉTODOS	13
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
3.1 TÉCNICAS E EQUIPAMENTOS EMPREGADOS NA PRÁTICA DO RAPEL E ASPECTOS RELACIONADOS À SEGURANÇA DO PRATICANTE	15
3.2 O RISCO PRESENTE NA PRÁTICA DO RAPEL	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
5 REFERÊNCIAS	22
6 ANEXOS	25
6.1 ANEXO 1-TABELAS	26
6.2 ANEXO 2- SUBMISSÃO	29
6.3 ANEXO 3- TCLE	30
6.4 ANEXO 5- MENSAGEM INICIAL	33

Introdução

Viver, diz o ditado, é um risco. Do ponto de vista etimológico, a palavra risco deriva do italiano antigo *risicare*, que significa ousar. Por conseguinte, o grau de ousadia presente nas ações tomadas pelo sujeito expressa, de forma exequível, a liberdade experimentada (Bernstein, 1997). Assim, para muitas pessoas, o risco se coloca como uma opção, e não um destino (Le Breton, 2012).

O termo risco surge ainda na pré-modernidade, especificamente na transição entre a sociedade feudal e as novas formas de organização social (Beck, 1993; Spink, Galino, Canãs, Souza, 2004). Inicialmente, encontrava-se associado aos perigos da humanidade, tanto por desastres e fatalidades naturais, quanto pelas guerras (Ascroft, 2001). Entretanto, na modernidade, esta medida de incerteza se radicaliza e ganha novos contornos, tornando-se a referência essencial da sociedade nos domínios da epidemiologia, saúde pública, tecnologia, meio ambiente, trabalho e atividades relacionadas ao lazer (Bernstein, 1997; Spink, et al., 2004; Le Breton, 2012).

Para as novas gerações, as condutas de risco são percebidas como formas de resistências a uma ameaça identitária, de oposição ao ritmo de uma rotina estressante imposta pela sociedade de consumo (Beck, 1993). Nesse sentido, rebelar-se contra as amarras sociais é, por conseguinte, uma maneira extrema de manter uma relação de sentido entre o mundo e si mesmo (Maffesoli, 2001; Le Breton, 2009).

A partir dos discursos sobre o risco, Spink (2000), Spink & Menegon (2004) apontam três tradições discursivas que buscam explicar o risco de formas específicas. Essas tradições assim se configuram: primeira tradição – o perigo na fala do senso comum refere-se às experiências de infortúnios e imprevisibilidades que, na maioria das vezes, fogem das possibilidades de cálculo. É uma tradição raramente considerada nas análises de risco, mas que certamente se faz presente nas análises discursivas dos modos de falar sobre risco no

cotidiano. A segunda tradição – a perspectiva do controle e disciplina remete à perspectiva histórica dos discursos sobre risco relacionado à crescente necessidade de governar populações, a partir da modernidade clássica. Foucault (2014) denomina estas ações por governamentalidade. Somam-se a essa perspectiva os processos de disciplinarização da vida privada das pessoas. Nesses processos, o indivíduo, mediante acesso à informação, passa a ser responsável pelo autogerenciamento de sua própria saúde. O estilo de vida como forma de autocontrole é a face mais famosa dessa reorganização. A terceira tradição - a perspectiva da aventura balizada pelos campos do esporte e da economia veicula a mensagem de que correr riscos é uma prática necessária para que o indivíduo alcance determinados ganhos na sociedade. O risco, nessa perspectiva, configura-se como algo desejado pelos indivíduos.

Como forma de enfrentamento dessas contingências da vida em sociedade, tem-se a partir da transição paradigmática, da modernidade para a pós-modernidade, o surgimento de novas práticas corporais que elegeram a aventura, o risco e as fortes emoções como eixos norteadores nas perspectivas do lazer e da competição (Paixão, Costa, Gabriel, Kowalski, Tucher, 201). Trata-se de uma vertente esportiva que abrange diferentes ambientes naturais como o terrestre, aquático e aéreo (Coiceiro, 2007; Paixão & Tucher, 2010).

As práticas esportivas desempenham importantes papéis sociais comumente categorizadas em funções manifestas, latentes ou agonísticas (Callois, 1998). Essas funções dizem respeito à supressão das necessidades de atividade física, à compensação do estresse provocado pela rotina de trabalho e à satisfação dos instintos mais profundos do ser humano, como o instinto combativo, que está relacionado à luta pela sobrevivência e ao impulso sexual, respectivamente. Em outras palavras, são espaços destinados a excessos e euforias coletivas, conclamados a inverter e alterar os tabus do mundo cotidiano e colocá-los literalmente do avesso por meio de um descontrole controlado (Paixão & Kowalski, 2013).

Comparado às modalidades esportivas convencionais como voleibol, futebol, atletismo e outras, o esporte de aventura coloca o praticante numa situação de maior suscetibilidade ao risco que, pode se manifestar desde um arranhão podendo chegar aos casos de óbitos. Esta especificidade lhe confere o *status* de esporte de aventura e risco na natureza. Não obstante a isso, partindo-se da concepção de algo desejado, o risco manifesta-se como uma questão de gestão, uma busca constante, uma importante variável a ser calculada, visando, sobretudo, minimização dele e/ou controle pelo praticante (Le Breton, 2012).

A concepção do risco pelo praticante pode estar relacionada à proximidade que ele possui ou pensa possuir sobre uma determinada modalidade de esporte de aventura (Slovic, 1990). Dito de outra forma, tem-se uma situação inversamente proporcional em que, quanto maior a proximidade e experiência na prática de uma determinada modalidade, menor a concepção do risco pelo sujeito ao praticar essa modalidade. Essa situação pode ser mais bem compreendida a partir do conceito de redoma sensorial desenvolvido por Almeida (2008). Partindo do entendimento do conhecimento do senso comum como processo sensorial, o autor afirma que a aquisição deste conhecimento pelo homem se processa de forma multissensorial, uma vez que mobiliza um verdadeiro arcabouço sensorial cotidiano, que através dos canais sensoriais nos permite perceber diferentes elementos como sons, odores, tato, cinestesia noção de distância, temperatura, sabores dentre outros. A redoma sensorial constitui-se basicamente pelos elementos sensórios ordinários e extraordinários.

A redoma sensorial ordinária forma-se a partir de elementos que, pelo fato da constante presença em nosso cotidiano, tornam-se automáticos, velhos conhecidos e, por conseguinte, não mais lhes damos a devida atenção. Ou seja, esses eventos simplesmente acontecem. Disso decorre o fato de que, na grande maioria das vezes, esquecemos de que nos encontramos envoltos por uma redoma. Já a redoma sensorial extraordinária forma-se a partir de elementos inéditos. Para visualizar esta afirmação, basta pensar nas dificuldades

enfrentadas por um índio em movimentar-se numa grande cidade e, nas dificuldades correspondentes, de um homem urbano orientar-se por entre a natureza selvagem. Assim, diante do ineditismo de eventos, aguçar-se-iam os sentidos no indivíduo, o qual indubitavelmente se colocaria em estado de alerta.

Nesta perspectiva, os elementos sensoriais potencialmente extraordinários contidos numa modalidade de esporte de aventura como o risco, a vertigem e as fortes emoções que, por sua vez, poderiam vir a aguçar os sentidos do praticante, colocando-o em estado de alerta numa situação extrema, deixariam de existir. Isso porque, uma ação diária favoreceria o praticante do domínio desses elementos sensoriais, os quais sucederiam da condição de elementos extraordinários para ordinários ou cotidianos. Com isso, os elementos envolvidos numa situação de risco já não colocariam o praticante num estado de prontidão, de alerta, uma vez estabelecida uma situação rotineira da atenção necessária aos elementos extraordinários no momento da prática de uma dada modalidade de esporte de aventura (Almeida, 2008).

Nesta linha de raciocínio, é importante ressaltar que, apesar de se lançarem no universo da incerteza, esses aventureiros, em sua maioria, não possuem características suicidas, uma vez que têm uma clara noção de limite na relação com o risco, que buscam minimizar, utilizando, para isso, equipamentos e técnicas que os possibilitem maior controle da situação vivida (Le Breton, 2012). Essas considerações fornecem importantes indícios para se refletir acerca do risco, das fortes emoções e da aventura inerentes às modalidades de esporte de aventura, vivenciadas em diferentes espaços naturais que, muitas vezes, se efetivam em condições arriscadas.

Uma vez que o risco se configura como elemento inerente e propulsor dessa vertente esportiva, se faz importante conhecer como os instrutores que se encontram à frente na condução de modalidades terrestres de esporte de aventura percebem e lidam com o risco no sentido de prevê-lo, controlá-lo e minimizá-lo nas diferentes etapas que integralizam à sua

prática. Assim, o presente estudo analisou a concepção de instrutores de esporte de aventura sobre o risco presente na prática do rapel empregado como parte integrante das diferentes modalidades terrestres praticadas no estado de Minas Gerais.

Rapel

O surgimento do rapel confunde-se com o esforço do homem, ao longo dos tempos, em se deslocar no plano vertical sobre obstáculos naturais como montanhas, cachoeiras, paredões e interiores de cavernas (espeleologia). Nessa tarefa, registros mostram que, há mais de 100 anos, os alpinistas perceberam que ter as mãos como única fonte de apoio da corda era demasiadamente cansativo e perigoso, fator que contribuiu para a adoção de outras técnicas como, por exemplo, de colocação da corda ao redor do corpo, na qual mediante o contato direto com a roupa diminuía a força que os mesmos deveriam fazer com as mãos (Nuñez, 2005).

Os equipamentos necessários para a prática do rapel como, descensores, freios, cordas, cadeirinhas e outros, que permitem ao praticante vencer obstáculos naturais e artificiais, começam a surgir, com o tempo, pela própria demanda criada com a sua difusão entre os adeptos das práticas corporais de aventura no meio terrestre.

Dentre as técnicas verticais que utilizam cordas, indubitavelmente o rapel ocupa posição de destaque como uma das mais conhecidas e empregadas (Gaines, 2013). Isso porque se vincula a outras modalidades terrestres de esporte de aventura como montanhismo, escalada, *canyoning* e espeleologia, assim, acaba por se constituir uma importante fase dessas modalidades. Ressalta-se que, para além das modalidades terrestres de esporte de aventura, a prática do rapel tem sido muito empregada como facilitadora, na execução de trabalhos urbanos, no salvamento, nas manobras militares entres outras (Aguiar, 2013; Gaines, 2013; Luebben, 2007).

Nesse sentido, tendo em vista a difusão do emprego do rapel como técnica de descida em diferentes espaços da sociedade atual, ainda que seja considerada por praticantes mais experientes como uma técnica simples, não se pode negar a presença do risco como elemento inerente à sua prática, a qual tem sido apontada como causa de acidentes de diferentes magnitudes entre seus praticantes (Aguiar, 2013).

Material e métodos

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo descritivo-exploratório Thomas, Nelson & Silverman (2012), que tem como características observar, registrar, analisar, descrever, correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los, procurando, assim, descobrir com precisão a frequência com que o fenômeno ocorre e sua relação com outros fatores.

Como instrumento de coleta de dados, foi empregado um questionário validado, Paixão (2001) contendo 18 itens, estruturados a partir dos pressupostos teóricos da literatura especializada sobre o risco. Na operacionalização das variáveis contidas nos itens, o questionário estrutura-se a partir da escala Likert de 5 pontos em que o informante podia marcar uma alternativa (1=discordo plenamente; 2=discordo; 3=indiferente; 4=concordo; 5=concordo plenamente) em ordem de importância, de acordo com a concepção dos sujeitos participantes do estudo (Fehring, 1987).

Para os fins específicos de desenvolvimento desta pesquisa, o grupo amostral foi constituído de 35 instrutores de esporte de aventura (32 homens e 3 mulheres), com idade média de 31 anos (que vai de 20 a 48 anos), atuantes no estado de Minas Gerais.

Para a coleta de dados, o referido instrumento foi inserido em formulário no Google Drive (<https://drive.google.com/>), estruturado a partir de uma mensagem inicial com informações básicas sobre a pesquisa, *links* de acesso ao instrumento de coleta de dados e ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) na íntegra, bem como o endereço

eletrônico do pesquisador responsável, caso se fizesse necessário o estabelecimento de contato por parte dos participantes. Os contatos iniciais com os sujeitos da pesquisa foram realizados a partir das redes sociais. A coleta de dados se deu no período de dezembro de 2014 a março de 2015.

O critério de inclusão foi indivíduos que atuavam como instrutores de esporte de aventura de modalidades terrestres (montanhismo, escalada, *canyoning* e espeleologia) no estado de Minas Gerais, leitura do (TCLE) na mensagem convite (Google Drive) e a concordância com os termos da pesquisa e o interesse em participar da mesma. Visando assegurar uma mostra representativa para o presente estudo, optou-se pela amostragem acidental por saturação. De acordo com Becker (1994), trata-se de uma técnica recomendada para definir o tamanho do grupo amostral. Nesse sentido, o ponto de saturação deu-se a partir do momento em que as respostas começaram a se tornar repetitivas, não adicionando informações e revelando dados suficientes para atender o objetivo da presente investigação.

A partir dos itens que constituíam os questionários e tendo em vista a escala de Likert de 5 pontos e a recorrência em que as variáveis se apresentavam, os dados coletados foram organizados em três tabelas, apresentadas na sessão resultados e discussão.

No decorrer do processo de condução da presente pesquisa, foram respeitadas as diretrizes regulamentadas pela Resolução nº 466/12 da CONEP, sendo o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto, sob o registro número CAAE: 37192314.9.0000.5150, ofício CEP Nº. 1.017.847.

Resultados e discussão

A discussão desenvolveu-se através da triangulação entre os dados coletados com os instrutores de esporte de aventura, o referencial teórico especializado e, também, as posições assumidas pelos autores da investigação. Desta forma, foi possível a compreensão e discussão

a partir das categorias de análise que tiveram o risco como eixo norteador. Essas categorias encontram-se organizadas em duas partes: a primeira aborda as técnicas e os equipamentos empregados na prática do rapel, bem como aspectos relacionados à segurança do praticante e, a segunda parte analisa o risco presente na prática de rapel em modalidades terrestres de esporte de aventura na concepção do instrutor.

Técnicas e equipamentos empregados na prática do rapel e aspectos relacionados à segurança do praticante

Com relação ao tempo de experiência como instrutores de esporte de aventura de modalidades terrestres que empregam o rapel como parte integrante, os participantes desta investigação apresentaram uma média de 18 anos (que vai de 12 meses a 30 anos) de atuação. Ainda que esses sujeitos atuem como instrutores de esporte de aventura, suas ocupações profissionais são bem diversificadas, evidenciando profissionais liberais, como comerciantes, funcionários públicos, bem como professores atuantes em segmentos da educação básica e superior. Essa situação justifica-se pelo fato de as modalidades de esporte de aventura ocorrer de forma não sistemática, como, por exemplo, nos finais de semana, feriados prolongados e períodos de férias no Brasil (Paixão, Costa, Gabriel & Tucher, 2010).

Os resultados referentes a essa categoria de análise são apresentados nas Tabelas 1 e 2.

Os resultados mostram que uma parcela significativa dos participantes (75%) reconhece a importância do domínio da técnica do rapel pelo praticante, considerando-a como pré-requisito para evitar acidentes. Esses mesmos avaliados (49%) afirmaram ainda que, em geral, o instrutor detém o completo domínio da técnica do rapel na condução de modalidades terrestres de esportes de aventura que empregam o rapel como parte integrante. Os dados obtidos, nesta pesquisa, no que se referem aos aspectos relacionados ao risco de acidentes envolvendo praticantes de esporte de aventuras, chamam atenção se comparados a outros

estudos como, por exemplo, o de Le Breton (2009). Pesquisas do autor mostram que o domínio da técnica específica a uma modalidade configura-se como condição imprescindível para se evitarem acidentes. O referido autor, ao discutir a pedagogia do risco, complementa que as experiências adquiridas e a integração gradual das técnicas minimizam as ameaças ou as circunscrevem a pontos em que se exerce vigilância.

É preciso se atentar sobre a afirmação de que geralmente o instrutor de modalidades de esporte de aventura terrestre detém o domínio da técnica do rapel. Ainda que se trate de uma concepção dos instrutores investigados neste estudo, há que se levar em consideração a existência de níveis diferenciados de domínio da técnica pelo instrutor de esporte de aventura. Trata-se de uma situação que demanda a ocorrência ou não de uma série de dados como o tempo de dedicação ao aprendizado das técnicas de uma modalidade e o *contacto* com equipamentos certificados para a prática do rapel. Soma-se a isso, o fato de comparada às modalidades de esporte tradicional, entre os principais motivos que contribuem para a adesão do indivíduo como instrutor de esporte de aventura, bem como a sua permanência nesse segmento profissional, encontra-se primeiramente a sua experiência prática em diferentes modalidades na condição de praticante.

Na mesma perspectiva em que o domínio da técnica é apontado pelos instrutores como condição essencial para se evitar acidentes, o bom estado dos equipamentos específicos para a prática do rapel é percebido por 97% desses mesmos sujeitos como importantes para uma prática segura.

A discussão sobre segurança do praticante no momento em que realiza a prática do rapel remete ao entendimento de que os avanços científicos e tecnológicos são empregados numa proporção cada vez maior no que se denomina indústria do esporte de aventura. Em decorrência desses avanços, tem-se o acesso a equipamentos que não somente proporcionam maior segurança ao praticante como também aumentadas as chances de prever e minimizar os

riscos de acidentes. Essa situação é compartilhada por 77% dos instrutores. Vale destacar que o conhecimento prévio do ambiente da prática, bem como das condições meteorológicas são indicados pela quase totalidade dos entrevistados (91%) como procedimentos indispensáveis a serem adotados pelo instrutor. Não obstante, visando à segurança, na prática do rapel, o praticante deverá aliar uma série de competências, que incluem o domínio da técnica: Habilidades adequadas à modalidade praticada; Conhecimento e emprego da tecnologia e de equipamentos; Capacidade de decifrar informações referentes ao ambiente natural e, em face do imprevisto, capacidade de decidir e agir antecipadamente por meio de estratégias a serem utilizadas para superar os obstáculos (risco-objetivo). No entanto, vale ressaltar que esses procedimentos nem sempre são suficientes para garantir a integridade física e emocional do praticante, mas somente a superação do desconhecido, das intempéries e dos imprevistos poderá lhe dar prazer e contemplar a aventura.

O condicionamento físico e motor são entendidos por 59% dos instrutores como uma maneira de minimizar os riscos de acidentes na prática do rapel. Essa situação merece atenção ao considerar a sobrecarga imposta ao corpo do praticante em decorrência dos equipamentos específicos para a prática de uma dada modalidade. No entanto, como observa Bétran (2003), a contribuição no campo da biomecânica ainda se apresenta de forma incipiente, haja vista uma série de fatores, como os diferentes ambientes naturais em que ocorrem as modalidades dificultando o controle das variáveis como temperatura, relevo, tempestades, altitude, chuvas e pressão atmosférica. Segundo Gonçalves (2006), a reprodução dessas variáveis, bem como sua análise em laboratório, na maioria das vezes, é complexa e exige a adoção de procedimentos metodológicos sofisticados.

O risco presente na prática do rapel

A análise do risco depende, sobretudo, do sentido que lhe é atribuído por um determinado grupamento social. Abre-se, a partir daí, um campo fértil de investigação sobre a

concepção do risco que incorpora diferentes campos do saber, como na Psicologia, Sociologia e Antropologia, constituindo-se num campo interdisciplinar de estudo (Beck, 1993). No caso específico da presente investigação, o objeto de estudo leva em consideração o risco presente na prática do rapel empregada em modalidades de esporte de aventura terrestres na concepção de instrutores. Os resultados desta categoria de análise encontram-se na Tabela 3.

Comumente, o praticante de uma ou mais modalidades de esporte de aventura contrapõe-se às implicações da racionalidade clássica em seu cotidiano, ao buscar vivenciar atitudes ousadas em que, certamente, o risco esteja presente. Observa-se “... uma opção pelo risco, motivada por elementos tão ancestrais como o próprio homem. Este se apresenta, por vezes, desejoso de se colocar à prova diante de situações-limite” (Almeida, 2008, p. 135). Subvertendo essa lógica, os resultados obtidos mostram que a maioria dos instrutores (79%) reconhece que as sensações de liberdade e fortes emoções não sobrepõem colocar a própria vida em situação de risco eminente na prática do rapel como parte integrante de uma modalidade de esporte de aventura terrestre. O posicionamento apresentado por esses avaliados se deve às possibilidades não somente de controlar, mas minimizar o risco. Retomando à Le Breton (2012), os adeptos ao esporte de aventura, em sua maioria, não possuem características suicidas, uma vez que têm uma clara noção de limite na relação com o risco que se colocam no momento em que se encontram a praticar uma determinada modalidade de esporte de aventura. Trata-se da forma mais genuína do risco-aventura provido do sentido lúdico, uma vez que a atitude de vivenciar fortes emoções no momento em que se encontra de prática de uma modalidade de esporte de aventura. Nessa direção, é importante assinalar que a experiência adquirida pelo instrutor de esporte de aventura, ao longo dos tempos, não o imuniza do risco inerente a essa vertente esportiva, como afirma a maioria (77%) dos entrevistados. Esse resultado revela, de forma inequívoca, que o risco não é

desconsiderado pelo instrutor de esporte de aventura, ainda que o mesmo detenha o conhecimento experiencial (Tardif, 2011).

Tal raciocínio leva ao entendimento da inexistência de indícios que possam conduzir à domesticação das experiências, efetivada pela passagem dos elementos sensoriais extraordinários para os ordinários, a qual poderá representar o diferencial entre êxito ou comprometimentos de diferentes ordens no decorrer da prática de uma modalidade de esporte de aventura (Almeida, 2008).

Com relação à concepção do risco de esporte de aventura, a maioria dos instrutores (83%) considera-o como elemento inerente à prática do rapel, bem como o fato do instrutor colocar em risco a vida dos outros (94%) e a sua própria (97%), quando não segue as recomendações de seguranças da referida técnica. A maioria dos participantes deste estudo (87%) informou que o trabalho de orientação acerca do risco é parte integrante no processo de ensino do rapel aos praticantes iniciantes.

Nesta direção, torna-se possível subsidiar os futuros praticantes de informações técnicas, o que favorecerá a previsão e/ou antecipação de ações posteriores, bem como a previsão e o cálculo dos riscos a que eles irão se submeter ao lançarem-se às práticas aventureiras no meio natural. Ao discutir a pedagogia do risco, Le Breton (2000) afirma que as experiências adquiridas e a integração gradual das técnicas minimizam as ameaças ou as circunscrevem em pontos onde se exerce vigilância.

Ainda que a presente investigação volta-se a analisar o risco considerado elemento inerente à prática de esporte de aventura, vê-se uma situação em que inexiste uma estimativa precisa de acidentes envolvendo praticantes, seja em nível local, regional e mesmo mundial. Dentre as prováveis causas, estudiosos atribuem o fato de os *experts* em relações públicas, envolvidos direta ou indiretamente nesse setor, temerem que tal divulgação possa, de alguma forma, comprometer os negócios em regiões que dependem economicamente dessas práticas

físicas (Bentley & Page, 2008). Trata-se de uma questão que demanda esforços e discussões no âmbito do turismo e do esporte de aventura, uma vez que o risco, como já apontado, é uma especificidade das atividades físicas no meio natural.

Considerações finais

Diante das constatações obtidas nesta investigação e considerando as suas limitações metodológicas, é possível afirmar que a análise do risco na concepção de instrutores de modalidades de esporte de aventura vinculadas ao rapel como parte integrante de modalidades terrestres como montanhismo, escalada, *canyoning* e espeleologia mostrou que os instrutores assumem a concepção do risco como elemento inerente a essas modalidades. Para controlar e minimizar o risco, esses sujeitos apontam uma série de dados como o domínio da técnica do rapel como fundamental, sendo considerado um pré-requisito dentre os procedimentos para se evitar acidentes e o bom estado dos equipamentos para a prática do rapel. O crescente emprego de tecnologias na fabricação de equipamentos específicos para a prática do rapel como de outras modalidades de esporte de aventura aumenta as chances de prever e minimizar os riscos de acidentes.

Tendo em vista pesquisas que buscam analisar a relação que as pessoas estabelecem com o risco numa sociedade ora denominada de sociedade do risco, Beck (1993), a postura dos instrutores, participantes dessa investigação, chama atenção, pois reconhecem o risco presente no esporte de aventura e buscam vivenciar as fortes emoções, a sensação de adrenalina e liberdade. No entanto, colocam a manutenção da vida como princípio fundamental. Trata-se de aventureiros com uma nítida noção de limite na relação estabelecida com o risco ao se encontrarem suspensos nas altitudes de relevos acidentados, resistindo às intempéries que o ambiente natural impõe àqueles que ousam desafiá-lo.

É importante assinalar que o praticante deverá aliar procedimentos de diferentes magnitudes, dentre as quais se destacam o domínio da técnica e habilidades adequadas à prática do rapel e da modalidade de esporte de aventura em questão, a adoção de tecnologia e de equipamentos específicos, conhecimento suficiente para decifrar informações referentes ao ambiente natural e, em face do imprevisto, capacidade de decidir e agir antecipadamente por meio de estratégias a serem utilizadas tendo em vista o risco como parte integrante do esporte de aventura. A atenção a esses procedimentos certamente irá proporcionar ao praticante prudente vivenciar de maneira plena a aventura e as fortes emoções somado ao prazer contemplativo do ambiente natural.

Para vivenciar de forma plena as sensações proporcionadas pelas modalidades de esporte de aventura enfatizadas neste estudo, é importante que o praticante, principalmente os iniciantes, tenham em mente que o risco é permanente e poderá se manifestar desde uma simples escoriação como em acidentes fatais. E ainda que, em determinado momento, a técnica, a qualidade dos equipamentos, o emprego de tecnologia e, sobretudo, a ousadia não têm suficiência para impedir uma situação imprevisível. É preciso atenção, prudência e respeito aos indícios da natureza.

Portanto, é desejável e aconselhável que as entidades, confederações e federações sistematizem e padronizem as normas de formação e atuação do instrutor de esporte de aventura no país. Somado as informações técnicas, relacionadas à segurança e sobrevivência, é necessário também que na fase de cursos técnicos e condução de praticantes iniciantes sejam intensificados temas relacionados à preservação do meio natural. Certamente, tais esforços podem complementar a conduta dos praticantes, intensificando as fortes sensações advindas pela aventura e a ousadia de se colocar suspenso em grandes altitudes, ao mesmo tempo em que prevendo, controlando e/ou minimizando o risco para si e para outras pessoas.

Referências

- Aguiar, E. J. S. (2013). *Resgate vertical*. Curitiba: Associação da vila militar-departamento cultural.
- Almeida, L. G. V. (2008). *Ritual, risco e arte circense*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.
- Ascroft, F. (2001). *A vida no limite: a ciência da sobrevivência*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- Becker, H. (1994). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 2. ed. São Paulo: Hucitec.
- Beck, U. (1993). *Risk society: Towards a new modernity*. London: Sage.
- Bentley, T. A., & Page, S. J. (2008). A decade of injury monitoring in the New Zealand adventure tourism sector: a summary risk analysis. *Tourism Management*. v. 29, 857-869.
- Bernstein, P. L. (1997). *Desafio aos deuses: a fascinante história do risco*. Rio de Janeiro: Campus.
- Bétran, J. O. (2003) Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: Bruhns, H. T.; Gutierrez, G. L. (orgs) *Enfoques contemporâneos do lúdico: III ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Callois, R. (1998). *Philosophic Inquiry in Sport*. Champaign/Illinois: Human Kinetics Publisher.
- Coiceiro, G. A. (2007). *O imaginário social de aventureiros do extremo: o universo simbólico dos praticantes de provas de ultraresistência*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.
- Fehring, R. J. (1987). Methods to validate nursing diagnoses. *Heart Lung*, England, v. 16, n. 6, 625-629.
- Foucault, M. (2014). *A microfísica do poder*. 28. ed. Rio de Janeiro: Graal.

Gaines, B. (2013). *Rappelling: Rope descending and ascending skills for climbing, caving, canyoneering, and rigging*. Estados Unidos: FalconGuides.

Gonçalves, M. (2006). Biomecânica e as atividades físicas de aventura na natureza. In: Schwartz, G. M. (org.) *Aventuras na natureza: consolidando significados*. Jundiaí, SP: Fontoura.

Le Breton, D.(2000)*Passionsdu risque*. Paris: Métailié.

_____. (2009). *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Campinas, SP: Autores Associados.

_____. (2012). *La sociologie du risque*. Paris: PressesUniversitaires de France.

Luebben, C. (2007). *Rápel: Técnica, seguridad y material*. Madrid: EdicionesDesnivel.

Núñez, T. (2005). *100 perguntas e resposta sobre o Rappel*. Portugal: Desporto e Lazer.

Maffesoli, M. (2001). *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Recorde.

Paixão, J. A. (2001) Voo livre: práticas aventureiras e condutas de risco por entre as montanhas de Minas. *Licere*, v. 14, n. 2.

_____.; Costa, V. L. M.; Gabriel, R. E. C. D.; Kowalski, M.I.; Tucher, G.et al. (2011). Risco e aventura no esporte na percepção do instrutor. *Psicologia e Sociedade*, V. 23, n. 2, 415-425.

_____.,&Kowalski, M. (2013). Fatores intervenientes à prática do *mountain bike*junto à natureza. *Estudos de Psicologia*, v. 30, n. 4, 561-568.

_____.,&Tucher, G. (2010). Risco e aventura por entre as montanhas de Minas: a formação do profissional de esporte de aventura. *Revista Pensar a Prática*, v. 13, n. 3.

_____.,Tucher, G., Costa, V. L. M., Gabriel, R. E. C. (2010). Prática de parapente e comportamentos de risco: uma análise a partir do conceito de redoma sensorial. *PsicologiaemEstudo*, v. 15, n. 3, 567-574.

Slovic, P. (1990). The legitimacy of public perceptions of risk. *Journal of Pesticide Reform*, v. 10, n. 1, 13-15.

Spink, M. J. (2000). Contornos do risco na modernidade reflexiva: contribuições da psicologia social. *Psicologia e Sociedade*, v. 12, 156-173.

_____; & Menegon, V. M. (2004). Práticas discursivas como estratégias de governamentalidade: a linguagem dos riscos em documentos de domínio público. In: Inigues, L. (org.), *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis: Vozes.

_____; Galindo, D.; Canãs, A.; Souza, D. t. (2004). Onde está o risco? Os seguros no contexto do turismo de aventura. *Psicologia e Sociedade*, v. 16, n. 2, 81-89.

Thomas, J. R.; Nelson, J. K.; Silverman, S. J. (2012). *Métodos de pesquisa em atividade física*. 6. ed., Porto Alegre: Artmed.

Tardif, M. (2011). *Saberes docentes e formação profissional*. 16. ed. Petrópolis: Vozes.

Autor para correspondência:

Marcus Pires Silva

Rua Vicente de Paula, n.463 Bairro, Sagrada Família,

Viçosa, MG CEP 36 570000

Telefone: (31) 8761-4110

E-mail: markus_pires@hotmail.com

Orientador:

Prof. Dr. Jairo Antônio da Paixão

Av. JK. n. 677, apart. 302, bloco 4, Bairro Bauxita, Ouro Preto, MG

CEP 35 400000

Tel. 31 9125 8292

E-mail: jairopaixao2004@yahoo.com.

ANEXOS

Anexo 1-tabelas**Tabela 1** *Técnicas e equipamentos para a prática do Rapel*

Variáveis consideradas	Escala de likert (%)				
	1	2	3	4	5
O domínio das técnicas pelo praticante é o principal pré-requisito para evitar acidentes.	3	11	11	35	40
Geralmente o instrutor apresenta completo domínio das técnicas necessárias a uma prática segura do rapel.	17	17	17	20	29
O bom estado dos equipamentos é condição para evitar a ocorrência de acidentes.	--	--	3	11	86
As inovações tecnológicas na fabricação dos equipamentos contribuem para controlar e/ou minimizar os riscos de acidentes.	--	--	23	51	26
A checagem das condições dos equipamentos antes de seu uso diminui os riscos de acidentes.	--	--	--	14	86

Nota: 1=Discordo plenamente; 2=Discordo; 3=Indiferente; 4=Concordo; 5=Concordo plenamente

Tabela 2 *Segurança na prática do Rapel*

Variáveis consideradas	Escala de likert (%)				
	1	2	3	4	5
O conhecimento prévio do local prática do rapel pelo instrutor se faz necessário.	--	--	9	20	71
O conhecimento prévio das condições meteorológicas é um procedimento necessário.	--	--	9	31	60
O instrutor deverá atentar à certificação do nível de segurança dos equipamentos pelas empresas fabricantes.	--	--	3	31	66
Geralmente o instrutor tem total domínio de procedimentos de primeiros socorros.	6	--	9	37	48
O condicionamento físico e motor contribuem para diminuir as possibilidades de acidentes na prática do rapel.	6	9	26	48	11

Nota: 1=Discordo plenamente; 2=Discordo; 3=Indiferente; 4=Concordo; 5=Concordo plenamente

Tabela 3 *O risco na prática do Rapel*

Variáveis consideradas	Escala de likert (%)				
	1	2	3	4	5
A sensação de liberdade e fortes emoções superam qualquer tipo de risco na prática do rapel.	62	17	9	3	9
A prática do rapel não coloca o instrutor experiente em situação de risco.	60	17	9	14	--
O risco presente na prática do rapel não se apresenta como preocupação para o instrutor experiente.	46	40	--	11	3
O risco de um acidente fatal é uma situação considerada na prática do rapel.	46	20	14	11	9
As orientações sobre os riscos são trabalhadas com os aprendizes no processo de instrução sobre a prática do rapel.	--	9	3	51	37
O risco é um fator permanente na prática do rapel.	11	6	--	29	54
O instrutor coloca a vida de outras pessoas em risco quando não segue as recomendações de segurança na prática do rapel.	--	--	6	26	68
O instrutor coloca a sua vida em situação de risco quando não segue as recomendações de segurança na prática do rapel.	--	--	3	29	68

Nota: 1=Discordo plenamente; 2=Discordo; 3=Indiferente; 4=Concordo; 5=Concordo plenamente

Anexo 2- Submissão

Logo do cabeçalho da página Psicologia & Sociedade

OPEN JOURNAL SYSTEMS
Ajuda do sistema

USUÁRIO
Logado como:
jairo

- Meus periódicos
- Perfil
- Sair do sistema

AUTOR
Submissões

- Ativo (1)
- Arquivo (3)
- Nova submissão

IDIOMA
Selecione o idioma
Português (Brasil) Submeter

TAMANHO DE FONTE
A A A

[CAPA](#) [SOBRE](#) [PÁGINA DO USUÁRIO](#) [NOTÍCIAS](#)

Capa > Usuário > Autor > Submissões > #149927 > Resumo

#149927 Sinopse

[RESUMO](#) [AVALIAÇÃO](#) [EDIÇÃO](#)

Submissão

Autores	Marcus Pires Silva, Jairo Antônio Paixão
Título	Concepção de instrutores de esporte de aventura sobre o risco na prática do rapel
Documento original	149927-741297-1-SM.RTF 2015-05-20
Docs. sup.	149927-741298-1-SP.PDF 2015-05-20 INCLUIR DOCUMENTO SUPLEMENTAR
Submetido por	Dr. Jairo Antônio Paixão
Data de submissão	maio 20, 2015 - 07:26
Seção	Artigos
Editor	Nenhum(a) designado(a)
Comentários do Autor	Prezado editor, segue o artigo intitulado Concepção de instrutores de esporte de aventura sobre o risco na prática do rapel. Trata-se de uma investigação concluída recentemente. Obrigado pela oportunidade e continuação de bom trabalho. Desde já nos colocamos à sua disposição. Prof. Dr. Jairo Antônio da Paixão.

Situação

Situação	Aguardando designação
Iniciado	2015-05-20
Última alteração	2015-05-20

Metadados da submissão

[EDITAR METADADOS](#)

Autores

Nome	Marcus Pires Silva
------	--------------------

19:30
20/05/2015

Anexo 3- TCLE

Termo de consentimento livre e esclarecido

Título do estudo: Concepção de instrutores de esporte de aventura sobre o risco na prática do rapel.

Você está sendo convidado (a) a participar de um estudo científico acima identificado.

Em consonância com a Resolução nº 466/12 da CONEP, a relação risco-benefício é baixa, uma vez que haverá apenas observação, realização de entrevistas através de formulários. Os formulários serão previamente enviados por e-mails através Google Drive (<https://drive.google.com/>), respeitando sua disponibilidade de resposta para a sua realização. Os seus dados pessoais serão mantidos em total sigilo.

A previsão de tempo necessário para a realização do questionário será de, aproximadamente, 10 minutos. A realização dessa pesquisa trará como contribuição esperadas a concepção de instrutores de esporte de aventura sobre o risco na prática do rapel, subjacente ao fator risco presente na referida prática, com a problemática que se configura objeto de estudo no presente projeto de pesquisa. Ou, pelo menos, despertem para a sua reflexão.

Esses dados, expressos nos resultados encontrados, independentemente de mostrarem-se favoráveis ou não, serão publicados em revistas científicas especializadas na área da Educação Física. Os dados coletados serão armazenados por 5 anos decorridos da data de coleta, na sala 23 do CEDUFOP na Universidade Federal de Ouro Preto, MG, sob a responsabilidade do pesquisador prof. Dr. Jairo Antônio da Paixão.

Após apresentados os objetivos e natureza da pesquisa, você terá a liberdade para interromper a sua participação em qualquer momento, sem que isso lhe traga qualquer tipo de prejuízo. Dentre os critérios para suspensão ou encerramento da

pesquisa encontram-se situações extremas como doença ou óbito do pesquisador, impossibilidade de substituição de um acadêmico (orientando) na fase inicial da pesquisa, a incapacidade de aceite de sujeitos

que venham configurar uma amostra mínima e, que por ventura, venham prejudicar os objetivos estabelecidos nesse projeto de pesquisa.

Síntese do projeto de pesquisa: A prática das diferentes modalidades de esporte de aventura suscita pré-requisitos específicos se comparado com aquelas relacionadas às modalidades de esporte ditas convencionais como as modalidades de esportes coletivos, natação, tênis dentre outras. Dentre essas especificações o risco configura-se como eixo condutor para as fortes emoções e sensação de superação pelo praticante nos momentos em que se encontra a vivenciar as diferentes modalidades de esporte de aventura nos ambientes naturais (terrestre, aquático e aéreo) que, por sua vez, demandam do condutor uma série de procedimentos como informações acerca do ambiente natural em questão, com a manutenção dos equipamentos da modalidade, preservação do meio ambiente e outras visando, sobretudo, manter a integridade física e mental do praticante por meio de ações relacionadas a prever, calcular e minimizar o risco. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a concepção de instrutores de esporte de aventura sobre o risco na prática do rapel, dos saberes necessários à sua atuação no que se refere ao ensino e condução da referida modalidade de esporte de aventura no estado de Minas Gerais. Os procedimentos metodológicos a serem adotados seguirão a trilha científica delineada por um estudo de natureza descritivo-exploratório.

Para quaisquer consultas sobre dúvidas éticas que venham a surgir em qualquer momento da pesquisa, indicamos como órgão de consulta o CEP – Comitê de Ética em Pesquisa da UFOP. Contatos: Fone (31) 3559 -1368 Fax: (31) 3559-1370. No caso de dúvidas sobre o projeto que venham a surgir em qualquer momento da pesquisa,

indicamos que entre em contato com o coordenador dessa pesquisa, o Prof. Jairo Antônio da Paixão. Contatos: (31) 3559 1518 ou (31) 9125 8292.

Anexo 5- Mensagem inicial

Olá! Essa é uma pesquisa, realizada pelo Laboratório de Estudos Pedagógicos em Educação Física (LEPEF) do Centro Desportivo da Universidade Federal de Ouro Preto, que deseja.

Analisar a concepção de instrutores de esporte de aventura sobre o risco na prática do rapel.

Uma vez que o risco se configura como elemento inerente e propulsor dessas atividades na natureza, é importante conhecer como os instrutores que se encontram à frente na condução de diferentes modalidades de esporte de aventura percebem e lidam com o risco no sentido de prever, controlar e minimizá-lo no cotidiano das intervenções.

O tempo gasto para o preenchimento dos questionários normalmente é 10 minutos.

Tão logo seja concluída essa pesquisa, você receberá em seu e-mail um material informativo sobre a temática investigada.

Para responder os questionários, clique aqui:

https://docs.google.com/forms/d/18B46Dsk7VhuSuiGjzly062-1KxErN5-AjkmqNSgydk/viewform?usp=send_form

Seus dados serão mantidos em sigilo, sendo de conhecimento somente dos pesquisadores envolvidos. Qualquer dúvida entre em contato pelo e-mail jairopaixao2004@yahoo.com.br

Para ter acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido na íntegra acesse o link:

<https://docs.google.com/document/d/1W3PxX4EIOPF2vJvIqmEHR5TIHoHOjwZaWTKENpoPk4/edit?usp=sharing>

Muito obrigado pela sua participação!